



ORIENTAÇÃO VOCACIONAL, PROCESSO FACILITADOR DA ESCOLHA OCUPACIONAL

Antonio Fernando Gomes da Costa

“... Se viver é ser-no-mundo, as experiências são as manifestações da própria existência do indivíduo e capazes, portanto, de oferecerem as melhores informações a seu respeito.”

Franz V. Rüdio

O autor se ocupa, neste artigo, de forma simples e condensada, de um assunto que tem muito a ver com as carências de produtividade atribuídas à nossa força de trabalho.

INTRODUÇÃO

A primeira expectativa que surge, ao se tratar de assuntos relacionados com ocupação profissional, é procurar constatar se realmente as pessoas estão vocacionadas para um desempenho eficaz.

Evidentemente, o assunto não é atual. Com efeito, pode-se dizer que a vocação é tão antiga para o homem como sua própria história de organização social. Logo ao surgirem as primeiras necessidades de divisão do trabalho, o homem das sociedades primitivas procurou distribuir as tarefas de acordo com o

princípio “o homem certo para o lugar certo”. E isso vem ao encontro do sentido etimológico da palavra — do latim “vocatione” — que significa chamamento, predeterminação.

Trata-se, inegavelmente, de uma questão de suma importância, uma vez que põe em causa não somente o estado momentâneo do indivíduo, seu sucesso social, econômico, político ou cultural, mas envolve, também, algo de muito maior transcendência: sua auto-realização como pessoa e como profissional.

Neste artigo, abordamos a orientação vocacional como sendo um processo facilitador da escolha profissional. Assim, procuraremos, antes de apresentarmos nossas conclusões sobre o tema, discorrer a respeito da importância de o indivíduo ter bem delineada sua auto-imagem, como forma de poder vivenciar papéis ocupacionais, de modo a vir se ajustar adequadamente a uma ocupação.

A AUTO-IMAGEM

A orientação vocacional, entendida como processo de facilitação, que tem por objetivo prestar colaboração a uma pessoa para escolha e ajustamento a uma ocupação, é alicerçada em diversas teorias. Teorias essas que explicam como os indivíduos escolhem a ocupação a seguir e porque a escolhem, nela ingressando. Cristes, de maneira abrangente, as classifica em: não psicológicas, psicológicas e gerais. Cada uma dessas teorias tem diver-

sos desdobramentos.

Nosso ponto de vista, respaldado em teorias psicológicas, tem como pressuposto que o homem é essencialmente livre no sentido de ser capaz de realizar escolhas e tomar decisões que sejam congruentes com o significado de sua existência. O que só pode ocorrer quando tem uma boa comunicação consigo mesmo, tendo como consequência o equilíbrio biopsicossocial. Implica no ajustamento do indivíduo. Difere de adaptação, pois, neste caso, a componente biológica predomina, dificultando a interação social.

Não temos dúvida que a auto-imagem proporciona as condições necessárias para que o indivíduo tenha a conveniente percepção de si mesmo como integrante de “ser-nomundo”. Assim, é conveniente que desde a infância seja educado para distinguir a imagem real de si — percebe realmente como sendo sua —, da imagem ideal de si, que sabe não ser sua, mas desejaria que fosse.

Por outro lado, é um bom ponto de partida a compreensão da impossibilidade de isolar o indivíduo de seu contexto, de sua circunstância existencial; enredando a orientação vocacional no compromisso de procurar atender tanto os interesses pessoais, como os da família e da sociedade.

Cabe, então, ao orientador, sejam os pais ou especialistas, atuar no sentido de possibilitar ao orientando responder a questão “quem

sou". Isto ocorre quando a ação facilitadora propicia condições para que reconheça suas motivações, aptidões, aspirações e limitações, bem como seus interesses e principais traços de personalidade.

Uma maneira de se contribuir para o desenvolvimento da valorização do trabalho humano como fonte de ajustamento e integração do indivíduo na sociedade pode ser realizado utilizando-se diversos recursos de trabalho ou instrumentos de avaliação. Comporta destacar a realização de testes-inteligência, interesses, aptidão, sociométrico e de personalidade; questionários de sondagem, interesse profissional e de levantamentos diversos; entrevistas individuais. A resultante desta coleta de dados, após criterioso estudo e análise, quando devolvido ao orientando pode servir de valioso subsídio para o autoconhecimento e decorrente imagem real de si.

A IDENTIDADE OCUPACIONAL

Quem busca orientação vocacional logo apresenta preocupação com sua pessoa, em relação ao futuro. A ação do orientador é de estabelecer uma relação de ajuda, de modo a facilitar o orientando a definir "o que fazer, quem ser e quem não ser". Normalmente, tais preocupações coincidem com a crise da adolescência, a qual é considerada, segundo senso comum, como uma fase de transição, adaptação e ajustamento.

Ao buscar o ajustamento aos

papéis sociais do adulto, um dos problemas que o jovem tem por solucionar, no plano psicológico, é alcançar sua identidade ocupacional. Para Bohoslavsky a "identidade ocupacional será considerada, não como algo definido, mas como um momento de um processo submetido às mesmas leis e dificuldades daquele que conduz à conquista da identidade pessoal". Esta colocação elimina a idéia de que vocação é algo definido, um "chamado" ou destino preestabelecido, que se deve descobrir. O autor em questão lembra que a identificação ocupacional é a autopercepção, ao longo do tempo, em termos de papéis ocupacionais. Entende-se por ocupação o conjunto de expectativas de papéis vivenciados, através de ações estabelecidas, aprendidas e executadas por uma pessoa em processo de interação. Portanto, a escolha de uma ocupação é, normalmente, um dos momentos da vida do adolescente que busca explicar, de modo definido "eu sou este tipo de pessoa"

Ao procurar vivenciar uma série de atividades ocupacionais, testa suas habilidades contribuindo, desta maneira, para chegar à conclusão do que pode fazer, como obter resultados e em decorrência encontrar a plena satisfação pelo êxito conseguido. Em termos práticos, recomenda-se ao orientando que se imagine exercendo os papéis que dantes elegeu como mais correlacionados com seus interesses, aptidões e traços de personalidade. A esco-

lha do futuro ocupacional pode ser vislumbrado numa projeção imaginativa a cinco, dez ou quinze anos à frente.

Ao se perceber exercendo os papéis que melhor se ajustam ao seu modo próprio de ser, estará em condições de buscar as correspondentes informações ocupacionais.

A ESCOLHA OCUPACIONAL

Ao vivenciar, imaginariamente, papéis que gostaria de desempenhar profissionalmente no futuro, o jovem depara-se muitas vezes com uns problemas, quais sejam a carência de informações a respeito das ocupações selecionadas como possivelmente adequadas.

Com o intuito de satisfazer as necessidades do orientando envidam-se esforços no sentido de pôr em prática técnicas e recursos que possam informar tudo que for possível em termos de papéis ocupacionais. As informações procurarão esclarecer as dúvidas relacionadas com cursos, carreiras, áreas e mercado de trabalho. De modo que a realização da auto-imagem seja fruto do conhecimento de cada ocupação, aptidões requeridas e em que proporção a pessoa deve possuí-la.

As informações relacionadas com as oportunidades ocupacionais podem ser realizadas através de entrevistas com profissionais bem sucedidos; visitas a locais de atividades profissionais. Essas informações também podem resultar da utilização de material informativo co-

mo cartazes, revistas, fichas, bibliografias, gráficos, filmes e outros.

Finalmente, pode-se sugerir ao orientando dois procedimentos: elaboração da autobiografia e de uma monografia ocupacional.

A autobiografia visa a facilitar chegar-se ao autoconceito, ao se incentivar o jovem a discorrer sobre suas idéias, sentimentos, planos e dúvidas, abrangendo mais ou menos os seguintes tópicos: profissões, cursos, suas aspirações, sua maneira de ser, sua vida, seus problemas pessoais.

Já a elaboração da monografia profissional tem por meta o conhecimento das ocupações e deve procurar se basear na análise dinâmica que se estabelece entre o homem, suas tarefas, o ambiente e condições de trabalho, o equipamento que utiliza. Um roteiro que pode ser sugerido é um que trate de tópicos como: o que é a ocupação; especificação das habilitações; o que faz o profissional; onde trabalha; preparo e estudo necessários; qualidades pessoais; contra-indicações; atividades afins; currículo mínimo do curso.

Do exposto é possível se inferir que procuramos pôr em foco o tema em questão, buscando apresentar os aspectos práticos da orientação vocacional. Concluimos que o indivíduo estará em condições de tomar a decisão de exercer um papel ocupacional quando ultrapassa três momentos: forma sua auto-imagem; transpõe a auto-imagem em termos ocupacionais e busca as

informações ocupacionais, considerando todos os fatores possíveis de influir no progresso, êxito e satisfação na escolha ocupacional.

BIBLIOGRAFIA

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação Vocacio-*

nal: A Estratégia clínica. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

CRISTES, John O. *Psicologia Vocacional.* Buenos Aires, Editorial Paidós, 1974.

RUDIO, Franz Victor. *Orientação não-diretiva: na educação, no aconselhamento e na psicoterapia.* Petrópolis, Vozes, 1984.

_____. *Em busca de uma educação para a eternidade.* São Paulo, Salesiana, Dom Bosco, 1985.

SCHEEFFER, Ruth. *Teorias de aconselhamento.* São Paulo, Atlas, 1978.



ANTONIO FERNANDO GOMES DA COSTA — É oficial do Exército da Arma de Infantaria. Na área educacional especializou-se em *Psicotécnica Militar, Orientação Educacional e Elaboração e Revisão de Currículos em cursos ministrados pelo CEP. É Mestre em Estudos de Problemas Brasileiros pela UERJ, licenciado em Estudos Sociais pela FIS/RJ, sendo reconhecido pelo Ministério da Educação para lecionar OSPB, Educação Moral e Cívica e História do Brasil. Foi orientador psicopedagógico da AMAN durante três anos. Atualmente serve no CPOR/RJ e leciona a disciplina Metodologia da Pesquisa Científica em curso de pós-graduação na Universidade Estácio de Sá e Gama Filho.*